

# **A Verdade Sobre a Espanha**

Rudolf Rocker

Se há algum acontecimento capaz de redescobrir a força interior do trabalho organizado e dos elementos libertários do mundo, é a grande luta contra o fascismo que se trava atualmente na Espanha. Após a derrota irresistível do movimento trabalhista na Alemanha, o efeito da batalha heroica dos trabalhadores, camponeses e intelectuais espanhóis contra os bandidos fascistas é o de uma tempestade refrescante. É a primeira vez, desde que o fascismo surgiu na Europa, que toda a população de um país oferece uma resistência tão vigorosa ao perigo iminente. É por isso que o exemplo dessas lutas tem significado internacional, transcendendo em muito as fronteiras de um único país.

A luta desesperada é a causa comum de todos os movimentos que não querem cair sob o jugo sangrento do fascismo. No entanto, é preciso destacar a extraordinária prontidão de ação demonstrada pela CNT e pela FAI, que desde o início impulsionou a luta, permitindo-lhe banir o espectro sangrento do fascismo das portas da Catalunha.

O plano dos militaristas conspiradores era tomar todos os pontos importantes por meio de uma estratégia de surpresa que tornaria inevitável a queda de Madri. O elo mais importante dessa conspiração era o esmagamento da Catalunha, a fortaleza do movimento operário revolucionário da Espanha, de modo a isolar a capital de todas as grandes cidades. A Catalunha é o centro da indústria espanhola e também a província mais desenvolvida em termos de cultura e vida espiritual. A queda de Barcelona, a maior cidade da Espanha, teria tornado impossível qualquer resistência prolongada aos fascistas. Foi por isso que o General Goded voou às pressas para Barcelona a fim de liderar pessoalmente a revolta.

Mas a vigilância da CNT e a bravura ímpar de seus membros frustraram esses planos logo no início. Em poucos dias, os chamados “rebeldes” foram completamente derrotados. A vitória dos trabalhadores em Barcelona levou à rápida supressão da revolta fascista em Taragona, Lérida e Mataré, e à libertação de toda a província catalã dos carrascos fascistas. A milícia operária logo contava com 20.000 homens, dos quais 13.000 pertenciam à CNT e à FAI, 2.000 aos sindicatos socialistas da UGT e 3.000 aos partidos da Frente Popular. Além disso, Barcelona também equipou um exército de 8.000 homens, todos membros da CNT, que, sob o comando do anarquista Durutti, partiu para Saragoça a fim de arrancar a cidade das mãos dos fascistas.

São tantas as fábulas circuladas pela imprensa estrangeira sobre os objetivos da CNT e da FAI que é necessário dar aos nossos leitores uma imagem clara dessas duas organizações. É claro que não podemos, neste momento, entrar na longa e gloriosa história das lutas travadas por essas poderosas organizações, nem nas perseguições a que foram submetidas. Isso preencheria volumes. Por ora, nos deteremos apenas no significado ideológico desse movimento e apontaremos como essa ideologia operou nas táticas dessas organizações.

A Confederação Nacional do Trabalho (CNT) foi fundada em 1910 e, em um período de cinco ou seis anos, contava com um milhão de trabalhadores organizados em todas as partes do país. A organização era nova apenas no nome, mas não em suas tendências e métodos. A história do movimento trabalhista espanhol é marcada por longos períodos de reação, durante os quais o movimento só pôde viver na clandestinidade. Após cada período, o movimento se reorganizava. O nome mudou, mas os objetivos permaneceram os mesmos.

O primeiro movimento trabalhista na Espanha surgiu na Catalunha em 1840, quando, em Barcelona, sindicatos foram organizados por Juan Munts, um tecelão. O governo espanhol tentou reprimir esse movimento e enviou o General Zapatero, um dos reacionários mais sombrios da história espanhola, a Barcelona. Em junho de 1855, uma grande greve geral eclodiu na Catalunha, que se transformou em uma rebelião total. Os trabalhadores escreveram em suas bandeiras nas barricadas: “Asociacion o Muerte!” (O direito de se organizar ou a morte!). A rebelião foi brutalmente reprimida, mas o movimento continuou sua existência clandestina, até finalmente arrancar do governo o direito de livre associação.

Este primeiro movimento trabalhista foi fortemente influenciado pelas ideias de Pi y Margall, líder dos federalistas espanhóis e discípulo de Proudhon. Pi y Margall foi um dos maiores sábios do país, uma mente brilhante e abrangente, cujas obras exerceram a maior influência no desenvolvimento das ideias libertárias na Espanha. Suas ideias políticas tinham muito em comum com as de Richard Price, Priestly, Thomas Paine, Jefferson e outros representantes do liberalismo anglo-americano do primeiro período. Ele queria reduzir o poder do Estado ao mínimo e gradualmente substituí-lo por uma administração socialista da economia.

Em 1868, após a abdicação do Rei Amadeo I, Bakunin escreveu seu “Manifesto aos Trabalhadores Espanhóis”, e uma delegação da Federação do Jura visitou a Espanha para convidar os trabalhadores espanhóis a se juntarem à “Associação Internacional dos Trabalhadores”. Milhares de trabalhadores organizados se juntaram ao novo movimento com entusiasmo e adotaram as ideias anarco-sindicalistas de Bakunin, às quais a grande maioria dos trabalhadores espanhóis permanece fiel até os dias atuais.

Após a derrota da revolução de 1873 e a destruição da primeira república espanhola, com a ajuda de navios de guerra ingleses e prussianos, a Federação Espanhola da Internacional foi suprimida por muitos anos. No entanto, nunca perdeu seu espaço entre as massas operárias. Apesar da reação temerosa, os internacionalistas espanhóis organizaram um poderoso movimento clandestino e publicaram seus jornais clandestinamente durante todos os anos de repressão. Após sete anos de terríveis perseguições, as leis especiais contra o movimento trabalhista espanhol foram abolidas e, em poucos meses, todo o movimento foi reorganizado sob o nome de “Federación de Trabajadores de la Region Española”. Já em 1882, 218 federações locais, abrangendo um total de 7.000 operários e camponeses, já estavam representadas em sua convenção em Sevilha.

Nenhum outro movimento no mundo enfrentou perseguição tão implacável quanto o movimento operário anarquista na Espanha. Centenas de seus seguidores foram executados e torturados nas prisões de Jerez de la Frontera, Montjuich, Sevilha, Alcalá del Valle etc.; mas nenhuma reação jamais conseguiu sufocar o espírito de resistência dos trabalhadores espanhóis.

A atual CNT surgiu dessas tradições e é a continuação dos movimentos anteriores. Ao contrário dos anarquistas de muitos países, os anarquistas na Espanha basearam sua atividade, desde o início, na organização econômica dos trabalhadores e camponeses. Um “sindicalismo puro e simples” nunca existiu na Espanha.

O objetivo da CNT é duplo. Sob o capitalismo, a organização busca elevar o nível material e cultural dos trabalhadores e camponeses por meio da ação direta e da educação das massas. Mas seu verdadeiro objetivo é o estabelecimento de uma nova sociedade baseada no socialismo libertário. Ela se opõe a qualquer forma de capitalismo de Estado e visa a uma sociedade de comunas livres unidas em uma federação baseada nos interesses comuns da vida econômica e espiritual. A CNT se opõe a qualquer forma de ditadura, vendo nela apenas uma instituição para a supressão da vida cultural e o desenvolvimento natural da sociedade. Seu objetivo não é a conquista do poder político, mas a conquista da terra, da fábrica, dos meios de produção e dos recursos naturais do país. Sua educação socialista dos trabalhadores não consiste em dizer-lhes para votarem por representação política nas Cortes, mas em ensiná-los a administrar a vida social do país, com base no trabalho cooperativo, para as necessidades e o conforto de todos.

A CNT não é apenas uma associação de trabalhadores industriais, como os sindicatos de outros países. Ela reúne em suas fileiras os sindicatos de camponeses, trabalhadores agrícolas, trabalhadores de colarinho branco e intelectuais. Se hoje vemos os camponeses se levantarem em armas e lutarem lado a lado com os trabalhadores das cidades contra o fascismo, este é o brilhante resultado do grande trabalho educacional realizado pela CNT e seus antecessores. Os homens e mulheres da CNT compreenderam que uma transformação social é impossível sem a ajuda do campesinato e dos trabalhadores intelectuais.

Os mesmos princípios de federalismo e livre acordo representados na ideologia da CNT também fundamentam o trabalho prático da organização. Ela não conhece burocracia sindical e promove a autossuficiência dos sindicatos e de seus membros em todos os aspectos. Nos sindicatos menores, todo o trabalho da organização é feito voluntariamente. Nos sindicatos maiores, que não podem prescindir de funcionários remunerados, estes são eleitos por apenas um ano e recebem a mesma remuneração que os trabalhadores de seus respectivos setores. Até mesmo o secretário-geral da CNT está sujeito à mesma regra. Esta é uma tradição antiga na Espanha que não mudou desde a Primeira Internacional.

Isso leva a um alto desenvolvimento da iniciativa pessoal de cada membro. A organização técnica da CNT pode parecer um tanto primitiva em comparação com a dos sindicatos de outros países. Mas a CNT criou um espírito e gerou um elemento de lutadores ativos sem igual em nenhum outro lugar. A Espanha é o país clássico da ação solidária. O espírito mesquinho e artesanal, limitado apenas à profissão, tão frequentemente encontrado em outros países, é desconhecido na Espanha. Não o encontramos nem mesmo nos sindicatos socialistas da UGT. Ouvimos menos falar de “consciência de classe” e outros slogans familiares na Espanha, mas os trabalhadores estão mais firmemente ligados uns aos outros por

laços de solidariedade, e o espírito vivo é mais valioso do que uma técnica organizacional sem vida. Na Alemanha, essa técnica foi desenvolvida ao máximo, mas quando Hitler chegou ao poder, oito milhões de trabalhadores organizados não levantaram um dedo sequer para evitar a catástrofe. E é aí que reside a diferença entre os dois tipos de organização.

A CNT nunca fez alianças com partidos políticos. Em tempos de perigo, estava sempre pronta para lutar ao lado de outras organizações, como agora. No entanto, mantém sua atitude específica e não abre mão de sua independência. Mas tenta, e com particular sucesso nos últimos anos, aproximar-se dos trabalhadores pertencentes aos sindicatos socialistas. O sucesso dessa política é especialmente notável nos casos em que os trabalhadores dos sindicatos socialistas se opuseram à sua liderança política, como foi o caso dos mineiros das Astúrias. A CNT empreendeu muitas ações bem-sucedidas em conjunto com os trabalhadores da UGT. No último congresso da CNT, realizado em Saragoça no mês de maio, os delegados apoiaram calorosamente a ideia de formar uma aliança com a UGT para fins de defesa e ataque comuns. A atual cooperação estreita de ambas as organizações na luta contra o fascismo tornará suas relações ainda mais amigáveis.

A CNT é um fator crucial na vida espiritual e social da Espanha. Não pôde ser suprimida, apesar das terríveis perseguições sofridas durante vários anos. Na formação da futura ordem social da Espanha, a CNT certamente desempenhará um papel importante e impressionante, com sua influência se estendendo muito além da organização propriamente dita.

Há pouco o deputado comunista Jesús Hernández, diretor do jornal comunista “Mundo Obrero”, fez a seguinte declaração:

É absolutamente falso que o atual movimento operário tenha por objetivo o estabelecimento de uma ditadura do proletariado após o fim da revolução. Não se pode dizer que tenhamos um motivo social para nossa participação na guerra. Nós, comunistas, somos os primeiros a repudiar essa suposição. Somos motivados exclusivamente pelo desejo de defender a república democrática estabelecida em 14 de abril de 1931 e revivida em 16 de fevereiro.

Esta declaração pode confundir os comunistas de outros países. Mas Hernández sabe que os trabalhadores e camponeses espanhóis não estão entusiasmados com a ideia de ditadura e que o movimento comunista constitui apenas uma pequena minoria, dividida, além disso, em três facções. Ele sabe também que o Partido Comunista não é forte o suficiente para ser um obstáculo aos objetivos da poderosa CNT.

Se a luta heroica dos trabalhadores, camponeses e intelectuais espanhóis para salvar seu país do jugo sangrento do fascismo se limitará à mera defesa da atual república é outra questão. O ataque assassino de uma gangue de criminosos militares à vida da república espanhola criou uma nova situação. Sob tais circunstâncias, o desenvolvimento natural dos eventos sociais precisa tomar caminhos mais curtos e adotar outras formas de progresso social. O admirável trabalho criativo que agora é realizado pela CNT e pela FAI na Catalunha para a reconstrução de todo o sistema social é apenas o resultado da situação atual. Não há dúvida de que a derrota do fascismo levará a uma nova era na história espanhola. Podemos ter certeza de que os trabalhadores e camponeses da Espanha, após sua vitória, serão capazes de levar a bom termo sua plena emancipação e não permitirão nenhum fracasso na inevitável transformação social.

Quanto à Federação Anarquista da Ibéria (FAI), não há diferença essencial entre ela e a CNT. Ambas as organizações trabalham em estreita harmonia. A FAI é uma associação ideológica que visa preservar as tradições anarquistas no movimento trabalhista espanhol. É composta por um grande número de jovens ativos, sempre dispostos a se colocar na vanguarda da luta social. Todos os membros da FAI são membros da CNT e estão entre seus lutadores mais ativos.

Ambas as organizações publicaram uma vasta literatura libertária e administram grandes editoras. Além dos jornais diários Solidariedade Obrera, em Barcelona, e CNT, em Madri, essas duas organizações publicaram, antes dos eventos atuais, cerca de 40 semanários e cinco revistas mensais. Isso por si só demonstra a força desse movimento e a extensão de sua influência sobre os trabalhadores e camponeses.

Desde o início da luta atual, vários sindicatos autônomos, como os trabalhadores da indústria cinematográfica, os escritores, atores e trabalhadores de todos os teatros da Catalunha, e muitos outros, se uniram à CNT e estão participando da grande luta contra o fascismo e pela libertação social.

Os trabalhadores organizados do mundo, que agora acompanham com tanto interesse a gigantesca luta de seus irmãos espanhóis contra a terrível ameaça do fascismo, devem compreender que os acontecimentos espanhóis não podem ser considerados de um ponto de vista puramente partidário. O movimento em cada país possui seu próprio caráter definido, enraizado nas tradições e no desenvolvimento histórico de um povo. O movimento trabalhista, e especialmente o movimento socialista, não é uma igreja que reconhece apenas uma doutrina da graça. Toda a conversa sobre uma “Frente Única” ou uma “Frente Popular” não vale nada se não aprendermos a respeitar as opiniões dos outros e julgá-las do ponto de vista estreito de uma doutrina partidária.

Enquanto os heroicos trabalhadores e camponeses espanhóis sacrificam suas vidas em inúmeros campos de batalha para defender seu país contra o ataque sangrento de um inimigo implacável e bárbaro, os mercenários da imprensa reacionária em todo o mundo os insultam da maneira mais infame, acusando-os de terem cometido todos os crimes possíveis contra as leis da humanidade. Combatendo essas mentiras e mantendo a opinião pública mundial informada sobre o verdadeiro curso dos acontecimentos na Espanha, podemos ajudar nossos camaradas de combate da forma mais eficaz.

Os bons puritanos deste país estão chocados com a queima de igrejas e o confisco de seus bens na Espanha. Eles não conseguem ou não querem compreender que é uma questão de legítima defesa privar um inimigo terrível e implacável dos meios econômicos que lhe dão o poder de travar uma guerra de extermínio contra o povo espanhol, uma guerra travada por uma camarilha de gângsteres militares que traíram seu próprio país e contrataram os mouros do Riff “para salvar o cristianismo”. Eles se esqueceram do que seus antepassados fizeram na Inglaterra, Holanda, Suécia e Alemanha, onde confiscaram todos os bens da Igreja em sua grande luta contra Roma.

É preciso conhecer o papel da Igreja na história espanhola para compreender os eventos atuais. Na Espanha, a Igreja nunca foi uma mera instituição religiosa, mas um formidável poder econômico e político que, durante séculos, exerceu a maior influência sobre toda a vida social do país. Em sua longa e sangrenta história, a Igreja sempre foi a inimiga mais mortal do progresso social e o principal centro de todas as reações.

Durante as intermináveis guerras contra os mouros, que duraram quase 800 anos, a Igreja tornou-se um fator tremendo e a principal ferramenta do absolutismo espanhol. Durante séculos, a Espanha foi o país mais avançado da Europa, o espírito líder na ciência, arte, indústria e agricultura. Mas quando os mouros foram expulsos do país e a nação foi subjugada à tirania da Igreja e da Monarquia Cristã, essa grande civilização foi destruída a fogo e espada. Os direitos e liberdades das vilas e cidades espanholas foram abolidos, depois que milhares e milhares foram mortos em sua resistência contra esse novo poder terrível. A terra tornou-se um deserto, suas maravilhosas indústrias decaíram, sua vida espiritual foi sufocada. Ao final do reinado do sinistro déspota Filipe II, a Espanha havia perdido quase metade de sua população.

Foram a Igreja e os representantes do despotismo real que inventaram aquele terrível tribunal, a Inquisição, o principal instrumento para a repressão do povo espanhol. Segundo uma declaração muito cuidadosa, publicada pelo Abade de Montgaillard, de 1481 a 1781, quase 330.000 pessoas foram queimadas vivas na Espanha, e seus bens confiscados pelo Estado.

Durante todos esses anos de escravidão e degradação, a Igreja foi o principal fator na proteção do país contra qualquer influência cultural estrangeira. Na lista de livros proibidos, publicada pela Inquisição em 1790, encontramos os nomes de mais de 7.600 escritores, entre eles as obras clássicas de Horácio, Ovídio, Cícero, Plutarco, Dante, Petrarca, Bocaccio e muitos outros. Naquela mesma época, a Espanha tinha um exército de 134.000 padres, 46.000 monges e 32.000 freiras. A propriedade fundiária da Igreja foi estimada em 32.500.000.000 reais, o que dava ao clero uma renda anual de 500.600.000 reais. Além disso, a Igreja possuía em edifícios, cavalos, gado, etc., propriedades no valor de outros 82.000.000 reais. Juntamente com muitas outras fontes de exploração, a renda anual da Igreja Espanhola representava 1.600.000.000 de reais.<sup>1</sup> Mas o povo vivia em miséria terrível e um espanhol em cada 72 era mendigo.

A Revolução Francesa introduziu as primeiras ideias do liberalismo na Península Ibérica, que conquistou a intelectualidade do país. A partir de então, a luta contra a Igreja e a Monarquia começou e nunca mais parou. Em 1812, foi proclamada a Constituição de Cádiz, que aboliu a Inquisição e paralisou

---

<sup>1</sup> Um real equivale a entre seis e sete centavos.

o poder da Igreja. Após a derrota dos exércitos napoleônicos na Espanha, Fernando VII retornou a Madri. Reconheceu a constituição do povo e prometeu, por juramento solene, governar como um monarca constitucional e defender as novas leis do país. Por alguns meses, a Espanha desfrutou das bênçãos da liberdade política após trezentos anos de despotismo clerical.

Mas Fernando, a quem Luís Filipe da França chamou de “o mais perfeito canalha que o mundo já viu”, conspirou com a Igreja contra a constituição, que denunciou como “uma invenção do diabo e um crime contra o direito divino da monarquia e da Igreja”. Um novo período de reação se instalou na Espanha. A constituição foi abolida, a Inquisição restabelecida e 50.000 liberais foram enterrados vivos nas masmorras e câmaras de tortura do temido tribunal.

Em 1820, Rafael del Riego se levantou contra a tirania sangrenta de Fernando e marchou com seus soldados sobre Madri. As províncias da Catalunha e da Galícia seguiram seu exemplo, e todos os elementos liberais aclamaram Riego como o libertador do país. Fernando, percebendo o perigo, mudou imediatamente de política e se autodenominou constitucionalista, acusando seus conselheiros e responsabilizando-os por tudo. A Constituição de Cádiz foi posta em vigor novamente, a Inquisição foi abolida mais uma vez e os jesuítas foram expulsos do país. As portas da prisão se abriram e libertaram todas as vítimas inocentes de perseguição política. Fernando fez seu famoso discurso nas Cortes amaldiçoando os inimigos da Constituição e assegurando aos deputados que não tinha outro desejo senão ser “o mais alto servidor de seu amado povo”.

Era o início de uma nova era na vida do país. As Cortes aprovaram as “leis da educação” e escolas foram construídas por toda a Espanha. Mas enquanto os liberais estavam absortos em seu trabalho construtivo pela regeneração do país, Fernando e a Igreja apelavam à “Santa Aliança” para obter ajuda do exterior contra seus inimigos do Partido Liberal.

Em 1823, dois bispos e 127 prelados fundaram a infame sociedade secreta conhecida na história espanhola como “El Angel Exterminador” (o anjo da morte). Essa monstruosa fraternidade contratou um exército inteiro de bandidos para se livrar das figuras proeminentes do liberalismo espanhol. De 1823 a 1825, mais de 4.000 pessoas foram assassinadas pelos agentes dessa diabólica quadrilha de assassinos clericais.

No mesmo ano, o Duque de Angoulême, com 60.000 soldados franceses, entrou na Espanha para ajudar Fernando a aniquilar os constitucionalistas espanhóis. Após a derrota com a ajuda de um exército estrangeiro, a Espanha ficou novamente condenada por muitos anos. Nenhum país do mundo testemunhou um período de reação tão horrível. Os liberais foram mortos às dezenas. Mais de 50.000 pessoas lotaram as prisões da Inquisição. Riego, o libertador de seu país, foi executado de forma vergonhosa. Ele foi costurado em um saco e carregado em um burro até a forca, enquanto uma multidão fanática, incitada pelos padres, gritava “Viva as correntes!” (Viva as correntes!). Todas as escolas criadas pelos liberais foram destruídas, e a Inquisição ordenou a queima de todos os livros, com exceção daqueles recomendados pelos jesuítas. Ainda em 1826, a cidade de Valência testemunhou um auto-de-fé, quando o maçom Ripoll foi enforcado e seu corpo queimado na praça do mercado, por ter expressado sua descrença nos dogmas da Igreja.

Em todas as incontáveis lutas do povo espanhol, desde a Revolução Francesa até os dias atuais, a Igreja sempre se aliou aos inimigos da nação, assim como agora se aliou à causa sangrenta do fascismo. É por isso que a Igreja é tão amargamente odiada na Espanha. Todo espanhol inteligente sabe o papel sinistro que ela desempenhou no longo curso da história espanhola. A Igreja destruiu uma das civilizações mais elevadas que o mundo já viu; arruinou o país e empobreceu sua população; sufocou todo o progresso social e criou, durante séculos, um reino de escuridão e ignorância.

Toda tentativa de combater essa ignorância por meio de uma educação mais livre foi denunciada pela Igreja como “um crime contra as leis de Deus”. Em 1851, Antonio Cervera fundou uma escola em Madri com o objetivo de proporcionar aos trabalhadores da cidade a oportunidade de adquirir educação elementar. A escola obteve sucesso imediato, crescendo rapidamente até ser frequentada por 500 alunos fervorosos e diligentes. Mas a nobre tentativa de Cervera logo se tornou alvo de ataques clericais. Uma delegação de espanhóis liberais apelou, então, ao ministro Bravo Murillo para que sancionasse a escola, mas Murillo respondeu-lhes com as seguintes palavras cínicas: “Não há necessidade na Espanha de trabalhadores que saibam ler e escrever. O que precisamos é de animais de carga”.

Desnecessário dizer que a escola de Cervera foi suprimida como tantas outras. Da destruição das escolas liberais em 1824 à infame execução de Francisco Ferrer, fundador da Escola Moderna de Barcelona, a Igreja sempre seguiu a mesma política para impedir qualquer educação anticlerical.

É uma mentira deliberada afirmar que o atual incêndio de igrejas e mosteiros é o resultado dessas “doutrinas estrangeiras do marxismo e do bolchevismo”, como os carrascos do fascismo querem que acreditemos. O fato é que a maioria do movimento operário moderno na Espanha nunca se inspirou nas ideias do marxismo e muito menos nas concepções de Lenin e Stalin. Igrejas foram queimadas em todas as revoltas populares, muito antes do nascimento de Marx ou de as ideias gerais do socialismo serem conhecidas na Espanha. Todo movimento progressista teve que lutar contra a Igreja como seu inimigo mais poderoso e implacável.

Numa carta ao New York Tribune — um jornal que ninguém acusará de simpatizar com os “vermelhos” — o Sr. W. Barry disse muito justamente:

A questão do incêndio das igrejas é totalmente explicável — por mais que eu a lamente como católico e amante da arte. A Igreja na Espanha, em contraste com a nossa Igreja aqui, toma partido abertamente em assuntos políticos. Felizmente, um Coughlin é uma raridade em nossa história, e descobrimos que ele não apenas não representa as visões da Igreja Católica na América em seus esforços políticos, mas suas atividades são fortemente condenadas em órgãos católicos por membros eruditos do clero americano. Na Espanha, ela se alinhou definitivamente e como um todo ao lado dos homens que converteram sua pátria em um campo de batalha para ganho pessoal e, sem entrar nos méritos éticos de suas ações, não se pode esperar que o povo espanhol assista impassivelmente à bênção das armas de soldados profissionais lançadas contra eles e, como foi relatado, até mesmo à adesão de membros do clero às forças rebeldes, sem perder o respeito pelas vidas e propriedades desses padres.

Nenhum revolucionário espanhol, desde os primeiros defensores do liberalismo e da democracia até os trabalhadores anarquistas da atual CNT e da FAI, jamais sonhou em atacar pessoas por suas crenças religiosas. No país clássico da Inquisição, a terra de Torquemada, Escobar e Loyola, onde a menor dúvida nos dogmas da Igreja era punida com tortura e morte, eles aprenderam que as ideias religiosas não podem ser alteradas pela mera força e repressão brutal. Mas, embora tolerassem a convicção pessoal do indivíduo, todos tiveram que lutar contra a Igreja, porque ela sempre foi e continua sendo até os dias de hoje o reduto político da reação espanhola e o inimigo mais intransigente de qualquer mudança na vida social.

O fascismo nunca teve uma base ideológica clara e definida. É uma mistura bizarra, representando uma colcha de retalhos com remendos emprestados das mais diversas fontes. Tem um significado diferente em cada país, tendo apenas uma coisa em comum: a brutalidade feroz de seus métodos e a submissão absoluta do indivíduo ao poder do chamado Estado totalitário. Mas há mais um traço característico dos seguidores do fascismo em todo o mundo. Todos falam do “despertar da nação” como o entendem, fingindo, é claro, que eles próprios, e ninguém mais, são os verdadeiros intérpretes do espírito nacional. Cada Camisa Preta na Itália é o representante da “Nação Italiana”; cada membro da SS na Alemanha é o portador do “verdadeiro espírito alemão”; cada membro da Legião Negra ou da Ku Klux Klan neste país é a encarnação viva do “verdadeiro americanismo”.

De fato, o fascismo fez do nacionalismo uma nova religião política, cujos dogmas são tão santificados quanto os da Igreja. Mas a história moderna na Itália, Alemanha, Áustria etc. provou que o nacionalismo para eles é apenas um manto que tudo esconde; sua bandeira encobre toda iniquidade, todo crime e ultraje. Se alguma outra prova fosse necessária, ela foi amplamente fornecida pelo exemplo recente na Espanha.

Carrascos de sangue frio como Franco, Mola, Gil Robles e os demais asseguram ao mundo que foi somente o amor ao seu país e ao povo da Espanha que os compeliu a se levantarem em armas contra o governo republicano eleito pela grande maioria do povo espanhol, a fim de libertar o país da influência sinistra de ideias estrangeiras e do governo de Moscou.

E para expressar seu amor pela nação espanhola, eles conspiraram com tiranos estrangeiros como Hitler e Mussolini e contrataram os marroquinos do Norte da África para devastar sua terra natal e exterminar seu próprio povo.

Há uma enorme diferença entre o nacionalismo popular de outrora, defendido por homens como Mazzini e Garibaldi, e o flagrante fascismo contrarrevolucionário e antissocial de nossa época. O lema

de Mazzini, “Deus e o povo”, simbolizava as aspirações que animavam todo o povo. Embora as ideias de Mazzini contivessem as sementes de uma nova escravidão política, ele e seus colaboradores eram movidos por motivos nobres. Os patriotas daquela época traçavam uma linha de demarcação clara entre o Estado e seus objetivos nacionais. Eles interpretaram mal o significado dos fatos históricos, mas suas vidas e atos estavam imbuídos de amor e devoção ao povo.

Tais emoções são estranhas aos homens que transformaram seu país natal em um matadouro para suas ambições políticas pessoais e seus interesses econômicos. O General Franco disse aos correspondentes de jornais franceses e ingleses que está disposto a sacrificar metade da população da Espanha para estabelecer sua ditadura e erradicar a praga do comunismo. O General Queipo de Llano declarou que a guerra atual não terá fim até que o último marxista em solo espanhol seja executado.

Que isso não é mera ostentação ficou demonstrado pelos terríveis acontecimentos em Badajoz, onde 3.000 homens e mulheres foram massacrados pelos mouros e pela Legião Estrangeira Espanhola, um grupo recrutado entre a escória de várias nações estrangeiras, principalmente alemães. O Sr. Jay Allen, correspondente do Chicago Tribune, descreveu de forma horrível sua experiência pessoal, contando ao mundo como 1.800 homens e mulheres desarmados foram levados para a arena de touros e massacrados em grupos por tiros de metralhadora.

Em Sevilha, Cádiz, Granada, Saragoça, Huesca e muitas outras cidades nas mãos dos rebeldes, milhares de trabalhadores foram mortos por sua resistência a gangues de bandidos armados que cometeram traição contra seu próprio país, travando uma guerra de extermínio contra o povo espanhol com a ajuda de mercenários estrangeiros.

Todos os jornais relataram como as forças do General Franco, avançando sobre Madri pelo Sul, massacraram os camponeses em massa, esperando assim impedir ataques pela retaguarda.

Num manifesto aos trabalhadores de todos os países, publicado pelo Comitê de Defesa da CNT e da FAI, eles apelam especialmente a todos os jornalistas e repórteres conscientes:

Não somos nós os inimigos da ordem, mas sim os militaristas e os fascistas. O trabalho heroico da CNT e da FAI, em conjunto com os trabalhadores de outras organizações, esmagou o levante fascista na Catalunha. Mas o fascismo ainda não foi derrotado. Milhares de nossos camaradas cercaram Saragoça. Estamos travando uma luta terrível para salvar nossos camaradas lá e no resto da Espanha. Nossa luta deve ser bem-sucedida. A liberdade deve vencer a escravidão.

Os trabalhadores espanhóis, movidos pela fome, não são saqueadores nem estupradores. Até mesmo os repórteres da imprensa burguesa, em todos os jornais capitalistas, exceto os mais inescrupulosos, expressaram admiração pela ordem e pelo respeito aos estrangeiros demonstrados pelos trabalhadores da Catalunha. Os inescrupulosos estão espalhando suas mentiras sobre os revolucionários espanhóis. Em particular, estão desabafando sua raiva contra os trabalhadores revolucionários de Barcelona.

Apelamos a vocês, amigos da liberdade. Não acreditem nas histórias fabricadas sobre assassinatos, roubos e desordens na Catalunha! Lembrem-se de que a nossa luta é a sua luta! Se cairmos, o fascismo triunfará em muitos outros países. Nossa vitória será a vitória da luta internacional pela liberdade contra o fascismo internacional. Nossa vitória será a vitória do progresso humano. Trabalhadores e antifascistas do mundo — ajudem-nos! Somos a vanguarda do movimento operário internacional em nossa luta contra os inimigos de tudo o que é humano. Não permitam que se espalhem mentiras sobre os heroicos lutadores da liberdade espanhola e mundial. Precisamos da sua simpatia e ajuda. Temos certeza de que neste momento de batalha vocês não nos abandonarão.

Esta não é a linguagem de uma “turba desordeira”, como eram tão frequentemente chamados pela imprensa reacionária, mas de homens conscientes da grande responsabilidade que a história lhes impôs e que estão prontos para assumir as consequências de seus atos. O maravilhoso trabalho que estão realizando agora, a fim de reorganizar toda a vida social da Catalunha, impedir que elementos criminosos se aproveitem da situação e fornecer ao país os meios necessários para prosseguir a resistência militar contra os exércitos fascistas, é prova disso. E esse trabalho construtivo e criativo é tanto mais admirável quanto se baseia unicamente na solidariedade natural, na ajuda mútua e na justiça social, sem recorrer ao perigoso artifício da ditadura.

Técnicos, engenheiros, arquitetos, homens de ciência, professores, artistas, etc., estão oferecendo com entusiasmo sua ajuda aos trabalhadores da CNT e da FAI, ajudando-os em sua gigantesca tarefa de regeneração social.

Os homens e mulheres da CNT e da FAI compreenderam que a salvação reside na liberdade. A autocracia baseia-se na submissão e, portanto, não pode servir à causa da liberdade. A ditadura nunca é uma etapa transitória para a consecução de algum objetivo específico, pois obriga inevitavelmente seus representantes a recorrer a métodos que os afastam gradualmente de seus objetivos originais, mesmo que inicialmente tenham sido motivados por um desejo sincero de servir ao povo. Além disso, o poder político carece inerentemente de construtividade e, portanto, sempre desenvolve a tirania.

A emancipação não pode ser alcançada por meio de um despotismo maior. Toda forma de dependência resulta em um novo sistema de escravidão. A ditadura, em particular, exclui a possibilidade de melhoria, pois suprime a crítica aos seus atos. As pessoas podem ser forçadas a realizar certas tarefas, mas nenhuma quantidade de coerção pode duplicar o que é alcançado por meio da necessidade interior, da simpatia e do amor. Há coisas que mesmo o governo mais poderoso é incapaz de obrigar — coisas que somente a solidariedade social e a ação voluntária podem realizar. A compulsão não une; ela divide e separa. Colocar as pessoas sob o mesmo jugo não as aproxima; pelo contrário, as aliena umas das outras e gera egoísmo mesquinho e alienação. Os laços sociais só podem crescer e se desenvolver em liberdade, como resultado da escolha voluntária e do esforço irrestrito. Somente sob tais condições a liberdade individual e a unidade social podem se fundir em um todo completo e inseparável.

Enquanto a CNT e a FAI prosseguem com seu trabalho de construção social, seus militantes lutam em todas as frentes de batalha. Até o governo republicano em Madri teve que admitir que, sem a posição heroica da CNT, a Espanha estaria condenada logo no início da luta.

O trágico destino da Espanha foi que, sempre que o povo espanhol se insurgiu contra a tirania insuportável de seus senhores, foi esmagado pela intervenção estrangeira. A Constituição de Cádiz, pela qual a Espanha foi libertada do jugo do absolutismo e da Igreja, e que havia sido restabelecida pelos esforços heroicos de Riego e dos liberais espanhóis, foi condenada quando um exército francês, enviado pela Santa Aliança, invadiu o país, ajudando Fernando VII a recuperar seus “direitos divinos como monarca cristão” e dando-lhe a possibilidade de mergulhar o povo espanhol na reação mais terrível que o mundo já presenciou.

Em 1873, navios de guerra britânicos e prussianos ajudaram os monarquistas a destruir a primeira república espanhola, atacando os bravos defensores da Comuna de Cartagena e dando ao General Pavia carta branca contra os republicanos.

Hoje, a história se repete mais uma vez. De acordo com documentos descobertos pelo governo espanhol em Madri, ficou comprovado que a revolta foi cuidadosamente preparada e apoiada desde o início pelas potências fascistas da Itália e da Alemanha.

Enquanto os trabalhadores de Barcelona lutavam contra os rebeldes, um grupo de refugiados políticos alemães, auxiliados por membros da CNT, invadiu os escritórios da “Frente Trabalhista Alemã” e do partido nazista naquela cidade, apreendendo todo o material escrito que encontrou lá. Parte desses documentos já foi publicada no Manchester Guardian e no Boletim da CNT. Todo o material será impresso em breve em um volume especial. Assim, ficou provado que os nazistas cobriram toda a Península Ibérica, as Ilhas Baleares e o Marrocos espanhol com uma rede de organizações de espionagem política e econômica. Esses grupos estavam em contato contínuo com o quartel-general nazista em Berlim por meio do Cônsul alemão em Barcelona, que, em violação às leis espanholas, realizou propaganda estrangeira secreta por anos. Não é de se admirar que muitos alemães tenham deixado Barcelona em pânico após essas descobertas. Com razão, “El Diluvio”, um jornal republicano diário próximo ao governo catalão, observou:

Muitos estrangeiros que agora estão deixando o país deveriam ter sido expulsos há muito tempo. Eles vieram de países onde o fascismo está no poder, praticando espionagem e servindo como órgãos de contato entre seus governos e nossos generais, que se venderam a interesses estrangeiros.

O New York Times (28 de agosto de 1936) publicou uma entrevista com Indalecio Prieto, ministro do atual governo espanhol, na qual ele declarou:

Dez dias antes do incidente Kameran (a suposta busca de um navio alemão por um navio de guerra espanhol), um navio alemão desembarcou sua carga de peças de aviões e tanques em Cádiz. As peças foram levadas para Sevilha em dois trens de carga compostos por cinquenta e nove vagões; todos acompanhados por cinquenta alemães armados. Esses alemães montaram os aviões e tanques no Aeródromo de Tablade, em Sevilha, e os entregaram aos rebeldes, juntando-se então à Legião Estrangeira de Franco.

Posso provar tudo isso, assim como posso provar que o Kamerun desembarcou sua carga de gasolina para os rebeldes em um porto português depois que o impedimos de chegar a Cádiz.

Quando perguntado por que o governo espanhol não apresentou queixas à Liga das Nações, Prieto deu de ombros e respondeu calmamente:

“A Etiópia apresentou seu caso à Liga. Vocês sabem o que aconteceu. Receio que a nossa Espanha tenha se tornado a Etiópia da Europa!”

Todos sabem que os rebeldes contam com o apoio moral e material da Itália, Alemanha e Portugal, apesar do chamado acordo de neutralidade e não intervenção. Se não fosse por isso, toda a insurreição já teria terminado há muito tempo; pois, com exceção de algumas partes de Navarra, Castela Velha e Leão, toda a população espanhola está contra os rebeldes. A posição heróica do povo em todas as partes do país testemunha o fato de que a Espanha se tornou novamente vítima das forças obscuras estrangeiras. Se os espanhóis perderem a batalha, a Europa estará condenada. Será o início de uma nova Santa Aliança, o início de um reinado de terror e barbárie em todo o mundo.

Assim como Mussolini, Hitler e seus seguidores em outros países, os líderes dos fascistas espanhóis descreveram seu crime contra o povo espanhol como “uma guerra contra o perigo do bolchevismo”. Eles sabem que o povo espanhol é contra qualquer tipo de ditadura, mas também sabem que esse espantoso é um excelente meio de amedrontar os filisteus. Até mesmo os chamados liberais em países estrangeiros foram enganados por esse blefe. Que olhem para a Alemanha e a Itália, onde o “bolchevismo” foi derrotado pelos novos “libertadores da humanidade”.

Não apenas o socialismo e o movimento trabalhista foram esmagados pelo fascismo: todos que ousaram ter uma opinião independente, ou mesmo permanecer neutros, foram esmagados pelo fascismo “marchando sobre o corpo da liberdade”, como Mussolini o denominou. Arte, ciência, filosofia e literatura foram forçadas a servi-lo. Milhares foram massacrados para garantir seu triunfo na Itália, Alemanha, Áustria e outros lugares. Homens e mulheres inocentes, entre eles artistas, escritores e pensadores de fama internacional, foram forçados ao exílio, casas particulares invadidas, bibliotecas valiosas queimadas. Milhares foram arrancados de suas famílias, jogados em campos de concentração, torturados moral e fisicamente, e muitos foram levados à morte lenta ou ao suicídio. Na Alemanha, essa loucura, agravada pelo ódio racial, particularmente contra os judeus, assumiu as formas mais bestiais. A barbárie de eras passadas foi revivida. O fascismo despertou as paixões mais baixas e incitou o povo a atrocidades hediondas. Assumiu o controle sobre todas as fases da vida, incluindo as relações mais íntimas entre os sexos, que até o pior despotismo costumava respeitar. Casamentos entre alemães e não arianos foram declarados um crime contra a “pureza da raça”, e a ética sexual foi reduzida ao nível da criação de gado.

E essa situação é agravada pelo perigo constante de guerra desde que Mussolini e Hitler chegaram ao poder. A Europa assemelha-se a um acampamento armado; cada nação vive em constante suspeita e medo de seus vizinhos, pelos quais a tirania do fascismo é a principal responsável. Isso nós conquistamos derrotando o “bolchevismo”.

A terrível luta que agora se trava na Espanha é um sinal dos tempos. A questão agora é repelir um inimigo que ameaça os próprios alicerces da civilização e da liberdade. Alemanha, Itália, Áustria são avisos sangrentos. Ai do mundo se a luta heroica do povo espanhol for sufocada no sangue dos últimos defensores da liberdade e da justiça social!

Biblioteca Anarquista



Rudolf Rocker  
A Verdade Sobre a Espanha

Adquirido em 14/02/2026 de <https://anarkio.net/index.php/a-verdade-sobre-a-espanha/>

**bibliotecaanarquista.org**